

Gulbenkian Descobrir.



MUSEU
CALOUSTE GULBENKIAN

Museu
Gulbenkian
**Um museu
em movimento!**

Museu Gulbenkian

Um museu em movimento

Conceção: Maria Remédio, Sara Inácio, Susana Quaresma

Revisão pedagógica: Susana Gomes da Silva, Andreia Dias

Revisão científica: Patrícia Rosas, Leonor Nazaré

Esta proposta foi concebida com base nas visitas «Arte em movimento» e «Exploradores de sons» e procura dar a conhecer algumas obras do Museu Gulbenkian através de um conjunto de sugestões de atividades de exploração assentes no movimento, no som e no corpo.

Este recurso em versão digital é composto por oito propostas de atividades e por três sugestões de diálogo exploratório, para realizar em sala de aula a partir de uma seleção de obras.

Nível de escolaridade (recomendado)

Pré-escolar (+5 anos) e 1º ciclo

Público-alvo

Crianças entre os 5 e os 10 anos a frequentar o Pré-escolar e 1º ciclo

NOTA: As atividades devem ser orientadas por um professor ou adulto responsável e podem ser adaptadas de acordo com os diferentes níveis de ensino e as faixas etárias das crianças.

Como começar

O corpo pode ser uma excelente ferramenta pedagógica e de consolidação de aprendizagem. Como tal, o objetivo destas propostas é incentivar as crianças a usar todo o corpo na exploração e no conhecimento das obras de arte, fazendo da leitura de uma obra uma porta para a compreensão do mundo à sua volta. A partir das obras selecionadas, serão feitas sugestões de exploração ao nível das emoções e do movimento (obra de Sérgio Pombo), dos gestos e da dinâmica (obra de Susana Gaudêncio) e do som e da perspetiva (obra de Vittore Carpaccio).

Em todas estas propostas, o professor encontrará informação-base e de contextualização, um mapa de perguntas e um conjunto de pequenas atividades para realizar em contexto de sala de aula. São ainda sugeridas associações a outras obras das Coleções do Museu Gulbenkian.

Materiais necessários

Corpo humano, voz e movimento são as ferramentas essenciais para as atividades propostas. É aconselhável que estas atividades sejam realizadas num espaço amplo, onde os alunos se possam movimentar livremente.

Proposta A

Cada corpo é um universo

Para trabalhar sensações, emoções e memórias

Nível de escolaridade (recomendado)

Pré-escolar e 1º ciclo



© GONÇALO BARRIGA

Homem Vermelho, 1973-2013

Resina, fibra de vidro, ferro e base de bronze

178 x 55 x 30 cm (Figura)

50 x 50 x 0,5 cm (Base)

Coleção Moderna, inv. 13E1744

A obra

Sérgio Pombo (Lisboa, 1947) é um artista que sempre trabalhou a representação do corpo humano, brincando com a sua estrutura, geometria e escala.

Na Coleção Moderna do Museu Calouste Gulbenkian, encontramos algumas obras que mostram partes do corpo isoladas: pés, joelhos, tronco, rosto.

Esta proposta parte da peça Homem Vermelho, uma escultura com as dimensões de um corpo humano e começa com um mapa de perguntas possíveis para abordar a obra em conjunto e estimular a observação. As perguntas são meras sugestões e podem ser adaptadas a cada grupo. Não há respostas certas ou erradas, o importante é estimular a capacidade de observação, cabendo ao professor a gestão da informação, incentivando o diálogo e discussão em sala de aula.

Mapa de perguntas

- O que estão a ver?
- O que é?
- O que vos faz lembrar?
- De que tamanho será?
- O tamanho faz diferença?
- Do que será feito?
- Como terá sido feito?
- Com que materiais?
- Parece um corpo leve ou pesado?
- E o nosso, como é?
- De que cor o artista pintou esta escultura?
- O que nos faz pensar esta cor?
- Que relação pode ter com o nosso corpo?
- O que habita dentro do nosso corpo?
- Como é que ele funciona?
- Em que posição está este corpo?
- Porque estará nesta posição?
- Porque é que está «dobrado» ao meio?
- Em que situações temos o corpo nesta posição (ou parecida)?
- O que sentimos quando estamos nessa posição?

Atividades

1. Corpo aberto e fechado

1.1. Vamos colocar-nos na mesma posição que a escultura.

Tentamos sentir o corpo compacto, contraído, fechado. Fechamos tudo no corpo—as mãos, os braços, os olhos, a boca, as pernas.

Inspiramos e expiramos.

Em seguida, descontraímos o corpo.

Sentimos agora o oposto da contração—expandimos o corpo! Abrimos os olhos, a boca, as mãos, os braços, as pernas!

Repetimos, para sentirmos o que muda na passagem da contração para a expansão. Repetimos de novo, mas com o corpo deitado sobre o chão, de barriga para cima.

O que estará a sentir o Homem Vermelho?

1.2. Agora vamos perceber como se posiciona o nosso corpo, aberto e fechado, quando fazemos:

a. Movimentos pendulares

b. Movimentos circulares

Vamos imaginar que todo o nosso corpo se transforma em ponteiros de um relógio, em hélices de um helicóptero ou numa águia em voo alto. Podemos inventar muitas outras variações para movimentos pendulares e circulares!

Se o Homem Vermelho tivesse braços, que movimentos estaria a fazer?

2. Emoções dos pés à cabeça

Vamos agora pensar nas emoções que sentimos no nosso corpo. Quais são? Como conseguimos demonstrá-las movimentando o corpo?

Se nos pudéssemos transformar num corpo de uma só cor, de que cor seríamos em cada uma destas emoções?

Cada criança irá pensar numa emoção e na cor que a ela associa e movimentar o corpo até encontrar uma posição fixa onde parar. Em seguida, o professor poderá tirar uma fotografia de grupo com todas as emoções representadas.

SUGESTÃO

Depois deste exercício, o professor pode convidar as crianças a fazer um desenho do grupo a partir da fotografia, e incluir o Homem Vermelho.

3. E dentro do corpo, o que acontece?

Nós só vemos os corpos uns dos outros do lado de fora. Mas nem nós próprios nem quem está à nossa volta vê o seu interior—só através de exames médicos, como no caso das mães, que nos viram crescer dentro das suas barrigas através das ecografias.

Vamos então tentar sentir o que vive dentro do nosso corpo, o que nos faz estar vivos!

Vamos segurar uma mão com a outra—o que sentimos dentro dos dedos? Ou ao tocar no braço, pressionando-o—o que estará lá dentro? E dentro das pernas?

E ao encostar a mão ao lado esquerdo do peito. O que se sente? O que se ouve? Ou tocando nas bochechas—de que são feitas?

Por onde podemos fazer entrar palavras e ideias no nosso corpo? E por onde podem sair as nossas ideias para o mundo?

SUGESTÃO

Depois de um primeiro momento de experimentação, as crianças podem desenhar livremente o corpo humano, pensando nos sítios por onde entram e saem as ideias, nas zonas duras e nas zonas moles, imaginar aquilo que compõe o interior do seu corpo ou, regressando à obra em análise, o interior do corpo do Homem Vermelho.

Ir mais longe

Outras obras da Coleção Moderna a partir das quais se podem fazer estas propostas ou que podem servir como complemento às explorações.



Antony Gormley
Domain—Brendan Toole (XXXXVIII),
Inv. 05EE52



Antony Gormley
Close II, Inv. 95EE46



Lourdes Castro
[sem título], Inv. GP946



Hein Semke
A dor (figura de mulher), Inv. 83E1202

Proposta B

O Desenho é movimento!

Para trabalhar o movimento no espaço,
o traço, a mancha

Nível de escolaridade (recomendado)

1º ciclo



Plaza de Mayo, Buenos Aires, 2009

Grafite sobre impressão a jato de tinta

Coleção Moderna, Inv. 16DP4042

A obra

Susana Gaudêncio (Lisboa, 1977) estudou pintura e é professora na Escola Superior de Arte e Design, nas Caldas da Rainha. A obra que vamos observar faz parte de um conjunto de imagens coloridas impressas com desenho sobreposto. Na obra apresentada, Plaza de Mayo, em Buenos Aires, as linhas desenhadas sobre uma imagem impressa correspondem aos percursos de mulheres, mães de vítimas da ditadura, na Plaza de Mayo, Buenos Aires, capital da Argentina. Nas áreas correspondentes às estradas mais percorridas, as linhas de grafite são em maior número e mais intensas.

Esta proposta parte da obra *Plaza de Mayo, Buenos Aires* e começa com um mapa de perguntas possíveis para abordar a obra em conjunto e estimular a observação. As perguntas são meras sugestões e podem ser adaptadas a cada grupo. Não há respostas certas ou erradas, o importante é estimular a capacidade de observação, cabendo ao professor a gestão da informação, incentivando o diálogo e discussão em sala de aula.

Mapa de perguntas

- que vemos aqui?
- Que sítio é?
- Conseguimos identificar alguma coisa?
- que nos faz lembrar?
- que são as partes mais escuras?
- que parecem?
- Como terá sido feita esta obra?
- Com que materiais?
- Conseguimos imaginar o movimento da artista a desenhar as linhas por cima da imagem?
- Onde carregou mais?
- E onde é que as linhas são mais suaves?
- Será que desenhou rapidamente ou devagar?
- Parecem linhas paradas ou linhas em movimento?
- Estas linhas são na verdade pessoas a caminhar à volta da praça.
- Será que estão a caminhar depressa ou devagar?
- Onde estariam concentradas mais pessoas?

Atividades

1. Desenhos no Espaço!

As crianças devem ter bastante espaço entre si de modo a poderem mover-se livremente.

Vamos imaginar que estamos a desenhar não em papel, mas... no espaço, e, em vez de lápis... usaremos o nosso corpo!

- a. Desenhar livremente com a cabeça (como se o lápis fosse o topo da cabeça). Depois de alguns minutos, desenhar com a ponta do nariz. Experimentar ainda com os cotovelos, ancas, joelhos e pés.
- b. Repetir o exercício anterior mas desta vez desenhando apenas linhas retas (horizontais, verticais, diagonais). Em seguida, explorar as linhas curvas (explorar círculos grandes e pequenos, formas abertas e fechadas).
- c. Repetir o exercício (com o corpo inteiro ou apenas com algumas partes do corpo) explorando diferentes velocidades (desenhar muito rápido, rápido, médio, lento e muito lento) e diferentes intensidades (desenhar como se carregassem muito no lápis, ou de modo a criar linhas suaves e quase invisíveis).
- d. Exercício a pares: uma das crianças irá desenhar no espaço, muito lentamente, linhas à sua vontade, enquanto o seu par imita os seus movimentos (efeito espelho). Depois trocam.

NOTA: É importante que, ao longo de todos os exercícios, os alunos experimentem «desenhar» a diferentes alturas (desde perto do chão até estarem em bicos de pés) e também em todas as direções. O professor pode optar por fazer a atividade com ou sem música.

Variação da proposta

Materiais necessários

- Papel de cenário
- Lápis
- Fita-cola
- Paus ou canas com aprox. 90 cm

Em primeiro lugar, é necessário forrar o chão do local onde irá decorrer a atividade utilizando papel de cenário. Em seguida, o professor irá reunir um conjunto de paus ou canas que irão funcionar como extensores e, utilizando fita-cola, irá unir cada pau ou cana a um lápis. Cada criança deve receber um lápis com extensor.

Vamos caminhar pelo espaço e, à medida que vamos caminhando, vamos deixando uma linha contínua no chão. Podemos passar várias vezes no mesmo local, fazer um percurso mais circular, ou outro em ziguezague, por exemplo. No final, este desenho coletivo poderá ser o ponto de partida para outra exploração:

Quais os sítios onde existe maior concentração de linhas?

Que título daríamos a esta obra coletiva? Porquê?

2. Sons no Espaço!

(analisar a obra tendo como foco o som)

Que sons podem existir dentro desta obra?

Que sons existem numa cidade? Que sons existem mais perto do chão?

E ao nível da nossa cabeça? E lá bem alto, no céu?

Após este levantamento dos sons, vamos entoar todos os sons encadeados como se se tratasse de uma composição musical contínua!

Ir mais longe

Outras obras da Coleção Moderna a partir das quais se podem fazer estas propostas ou que podem servir como complemento às explorações.



Sofia Areal
[sem título], Inv. DP1724



Miguel Palma
Técnico Miracle #10,
Inv. 16DP4033

Proposta C

Tão longe e tão perto ou «forte-piano»

Para trabalhar a ideia de perspectiva
do ponto de vista sonoro

Nível de escolaridade (recomendado)

1º ciclo



Vittore Carpaccio

Sagrada Família e Doadores, Veneza, 1505

Têmpera e óleo (?) sobre madeira

Coleção do Fundador, Inv. 208

A obra

Vittore Carpaccio (1465-1526) nasceu em Veneza e aí estudou pintura. Na sua obra, retrata cenas bíblicas, uma das temáticas habituais da época, com uma grande atenção ao detalhe.

Na obra, Sagrada Família e Doadores, uma pintura de 1505 exposta no Museu Gulbenkian, vemos, num primeiro plano, o nascimento de Jesus, e, ao fundo, a chegada dos Reis Magos. A cena desenrola-se numa paisagem em perspetiva e inclui, junto à Sagrada Família, a representação do casal de doadores que encomendaram a obra. Esta inclusão dos doadores à escala e no mesmo plano das figuras principais (neste caso a Sagrada Família), era muito comum no estilo humanista de diversos artistas do século XV.

Nesta composição, a perspetiva e a profundidade são conseguidas através da sobreposição de planos. Esta paisagem não retrata o real; é uma conjugação (pastiche) de elementos reais executados com muita minúcia, para a criação de uma nova paisagem.

Esta proposta parte da obra Sagrada Família e Doadores e começa com um mapa de perguntas possíveis para abordar a obra em conjunto e estimular a observação. As perguntas são meras sugestões e podem ser adaptadas a cada grupo. Não há respostas certas ou erradas, o importante é estimular a capacidade de observação, cabendo ao professor a gestão da informação, incentivando o diálogo e discussão em sala de aula.

Para o professor

Uma leitura sonora da obra

A profundidade de campo e as distâncias fazem-nos entender o som de uma forma que pode parecer antagónica, dependendo se processado sob o ponto de vista do ouvinte (recetor) ou do executante (emissor). Ao observarmos a pintura, estamos a percecioná-la sob o ponto de vista do recetor.

Como será que soam as personagens desta obra?

No primeiro plano, vemos o Menino ao centro, com a vaca um pouco atrás, José e Maria à esquerda, o casal de doadores à direita e o burro (do qual só se vê um olho e o focinho) escondido no lado esquerdo de José. O volume sonoro destas personagens tem uma intensidade igual à da conversação. Nem muito forte (vulgarmente entendida como alto), nem muito piano (vulgo baixo), mas sim meio-forte (*mezzoforte* — *mf*).

À medida que vamos observando o cenário, percebemos que num segundo plano (médio) encontramos um dos Reis Magos a cavalo. A esta distância conseguimos ainda ouvir o relinchar do cavalo com alguma clareza, mas não tão nitidamente como se estivesse perto de nós. Musicalmente falando, ouvimo-lo em piano. No último plano, vemos uma escarpa, o mar, uma enseada, palmeiras, e talvez consigamos ver alguma gaivota, mas a distância altera a nossa percepção da dimensão dos elementos, tornando-os difíceis de ver a olho nu. Desta forma, todos os sons desse último plano ouvem-se em *pianissimo*.

Por outro lado, quando nos pomos no lugar das personagens, a situação já é diferente. No primeiro plano, a intensidade mantém-se meio-forte, mas, à medida que queremos ser ouvidos mais longe, teremos de projetar o som e falar cada vez mais forte (mais alto) e para projetar o som no espaço precisamos de usar o corpo e, mais especificamente, o diafragma.

Com as atividades propostas, as crianças deverão ser capazes de entender e reconhecer a perspetiva, a profundidade de campo e a intensidade sonora e reproduzir diferentes intensidades sonoras, experienciando a técnica de projeção sonora através da utilização do diafragma.

Para os alunos

Mapa de Perguntas

- que estamos a ver?
- que estará a acontecer?
- Onde se passa esta cena?
- Que tipo de lugar é este?
- Quem serão estas personagens?
- Em que tempo se passará?
- que conseguimos reconhecer?
- que nos faz lembrar?
- que está mais perto?
- que se encontra mais longe?
- Como conseguimos perceber a distância das coisas?
- Como terá sido feito?
- Com que materiais?
- Se tivesse som, que sons poderíamos ouvir?
- Quais os que soam mais forte?
- Quais os que soam mais piano?
- Porquê?

Atividades

1. Escala

Analizamos os nossos corpos. São todos praticamente da mesma altura. Respiramos todos através dos pulmões. Emitimos som através da boca. Vamos começar por deslocar-nos no espaço e ficar imóveis como uma escultura. Com um lápis na mão e de braço esticado, fechamos um olho e tentamos perceber se o tamanho dos nossos colegas «cabe» na altura do lápis. Se sim, quer dizer que estão mesmo longe!

2. Distância Sonora

Num espaço exterior (ou num espaço interior com janelas abertas, para permitir a entrada de som), vamos colocar os nossos corpos numa posição de repouso (deitados, por exemplo). De olhos fechados, ouvimos a nossa inspiração e expiração. Vamos agora prestar atenção a todos os sons que nos rodeiam. O objetivo é identificar três a cinco sons diferentes, distinguindo aqueles que estão mais perto de nós dos que estão mais longe. Cada um irá reproduzir com a voz os sons que ouviu e as intensidades a que os ouviu. No final, todos em conjunto reproduzem os seus sons.

O professor pode dirigir esta orquestra vocal e escolher só os sons mais perto, só os sons mais longe, só o som de uma criança, de duas... e assim por diante.

3. Atividade Dramatização

Em sala de aula/ginásio/espaço exterior vamos reproduzir os planos espaciais da obra de Carpaccio.

- a. Primeiro escolhe-se uma frente que irá corresponder ao ponto de vista do público/recetor e divide-se a turma em dois grupos, para que todos possam ser emissores e recetores.
- b. Depois de escolhidas as personagens a representar, o grupo emissor irá posicionar-se no espaço físico relativo da sala, como se a sala fosse a paisagem da obra. Aqueles que representam as personagens do primeiro plano colocam-se mais à frente, o Rei Mago a cavalo um pouco mais atrás, e assim por diante.
- c. Escolhido o tema da conversa a explorar (história, sons de animais e de paisagem, canção), podemos dar início à atividade sonora. Para que o grupo recetor entenda as diferenças sonoras em relação à localização espacial, as intensidades sonoras devem ser todas meio-forte.

Esta atividade tem três momentos:

1. Todas as personagens falam ao mesmo tempo, criando assim uma paisagem sonora.
2. Cada personagem, ou grupo de personagens organizadas por planos, fala à vez, dando ao recetor uma melhor sensação de distanciamento dos elementos.
3. As personagens nos planos mais afastados, o do meio e o do fundo/trás, vão ter de falar mais forte (mais alto) para que os recetores os ouçam tão bem quanto ouviriam se estivessem à frente. É aqui que precisamos de usar bem o diafragma/a barriga para que não fiquemos roucos, nem com dor de garganta!

Para isso, vamos fazer uma brincadeira: cantamos mais forte e falamos mais forte, como se a nossa boca estivesse no umbigo e as bochechas fossem a nossa barriga. Experimentem!

Ir mais longe

Outras obras da Coleção Moderna a partir das quais se podem fazer estas propostas ou que podem servir como complemento à exploração da perspetiva e paisagem sonora.



Carlos Botelho
Lisboa, Inv. 83P373



Gil Heitor Cortesão
S/ Título (Manifestação), Inv. 04P1262

Saber mais

GULBENKIAN.PT